



# A POLÍTICA DO LUTO. O 11/9 E A CONSCIÊNCIA POLÍTICA DA POPULAÇÃO AMERICANA

THE POLITICS OF MOURNING. THE 9/11 AND THE POLITICAL CONSCIENCE OF THE AMERICAN PEOPLE

LA POLÍTICA DEL LUTO. EL 11/09 Y LA CONCIENCIA POLÍTICA DE LA POBLACIÓN NORTEAMERICANA

Pablo Ramon Schornes Carvalho<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho trata do modo como as grandes massas enxergam o luto na política, através de episódios inesperados ou grandes tragédias, fazendo com que seu comportamento a partir deste grande evento, passe a ser um fator determinante em eleições, pesquisas de popularidade, ou ainda em ações governamentais para o seguimento de um plano de ação em resposta ao acontecimento em questão.

**Palavras-chave:** Política. Luto. Indicadores. Terrorismo. Presidência.

## ABSTRACT

The present work deals with the way the great masses see mourning in politics, through unexpected events or great tragedies making their behavior from this great event, become a determining factor in elections, popularity polls, or even in government actions to follow up on action plan in response to the event in question.

**Keywords:** Politics. Mourning. Indicators. Terrorism. Presidency.

## RESUMEN

Este trabajo trata la forma como las grandes masas perciben el luto en la política, a través de hechos inesperados o grandes tragedias, que hacen que su comportamiento a partir de ese gran evento, pase a ser un factor determinante en elecciones, investigaciones de popularidad, o, aun, en acciones gubernamentales destinadas a la definición de un plan de acción en respuesta al incidente en cuestión.

**Palabras-clave:** Política. Luto. Indicadores. Terrorismo. Presidencia.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Ciência Política

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o psicólogo Jean Piaget, o homem é um ser biopsicossocial. Desse modo, o bem-estar do ser humano e suas condutas são regidas sempre por fatores que devem estar em equilíbrio nas esferas biológica, psicológica e social (PIAGET, 1973).

Partindo do princípio de que nesta definição, o biológico diz respeito a tudo o que é finito e orgânico; o psicológico a tudo que envolve a psique e a mente, e o social às interações dos homens entre si, chegamos à conclusão, no presente estudo, de que a interação social entre as pessoas é afetada (no âmbito político) por grandes acontecimentos históricos onde ocorrem grandes tragédias ou grandes perdas históricas, como acidentes, assassinatos ou atentados.

Desse modo, já de início podemos perceber que este é um campo de estudo vasto, dada a grande quantidade de eventos históricos que, pela sua magnitude, acabaram por influenciar o equilíbrio da balança biopsicossocial de um determinado grupo de indivíduos, ou em alguns casos, de uma população inteira, interferindo direta ou indiretamente no destino de um país.

## 2 O HOMEM COMO SER BIOPSIKOSSOCIAL E SUA INTERAÇÃO COM A MORTE

### 2.1 O modelo Kübler-Ross

Jean Piaget afirma que o homem como parte de um ambiente interage com ele o tempo inteiro, em uma troca de informações constante que, por consequência, acaba influenciando direta ou indiretamente a vida de outras pessoas (PIAGET, 1973).

Dentro desta complexa balança, tratarei um tema que se encaixa no que diz respeito ao psicológico, e é comum a todos os homens invariavelmente: a morte e o luto.

Durante toda a sua vida, o ser humano experimentará os mais variados tipos de sentimento, e a partir deles construirá a sua própria identidade. No entanto, mesmo com todo o avanço da psicanálise e da psicologia, o sentimento que ainda mais

assombra o homem é o luto, ou a sensação de ter perdido algo ou alguém para sempre.

Nesse sentido, na década de oitenta, Elizabeth Kübler-Ross, uma psicóloga austríaca, cria, a partir de estudos conduzidos com pacientes com doenças terminais (principalmente câncer), uma teoria que analisa e exemplifica como o ser humano lida com o luto, a morte e com o medo do fim da própria existência. Como resultado de seu estudo, Kübler-Ross publica o livro “Sobre a morte e o morrer”<sup>2</sup>, que dá o norte a este trabalho.

Nessa obra, a autora apresenta as cinco fases que o ser humano recorre ao vivenciar situações que envolvam grandes traumas. Seu trabalho passou a ser base para vários outros estudos sobre como o homem lida com situações extremas, onde a morte e a perda estão presentes.

Desse modo, como fruto de seu trabalho, ela nos apresenta cinco fases — que acabaram ficando conhecidas como as “fases do luto de Kübler-Ross” — pelas quais o homem, ao se deparar com a morte e o luto, passa: Negação ou choque, raiva, barganha, depressão e aceitação. *Todas as fases são bem distintas entre si e têm duração variável, que também dependem de como cada indivíduo está preparado para viver este momento.*

Desse modo, a partir do modelo de Elisabeth Kübler-Ross, temos as seguintes fases e seus sintomas:

1. *Negação*: Caracteriza-se pelo ceticismo em relação ao fato em questão, de modo que o indivíduo, mesmo com todos os indícios do que está acontecendo, prefere achar uma solução um pouco mais confortável para seu problema (KÜBLER-ROSS, 1981).
2. *Raiva*: Ao ser forçado pela própria situação a aceitar o que está acontecendo o indivíduo começa a sentir raiva, revolta e até mesmo a agir com agressividade; não aceita ajuda e se isola (KÜBLER-ROSS, 1981).
3. *Barganha*: O indivíduo começa a realizar uma espécie de troca com seu próprio destino, mudando de atitudes, de comportamento e muitas vezes assumindo uma

---

<sup>2</sup> Título original: *On Death and Dying*. Londres: Routledge, 1969.

personalidade oposta ao que sempre foi, na esperança de que isto o livrará do mal que o aflige (KÜBLER-ROSS, 1981).

4. *Depressão*: Ao ser confrontado com mais dados, mais notícias e mais fatos, o indivíduo começa a raciocinar com um pouco mais de clareza e entra em um estado de depressão, onde abandona a atitude de raiva e agressividade dos estágios anteriores (KÜBLER-ROSS, 1981).

5. *Aceitação*: O indivíduo passa a aceitar de forma tranquila e serena aquilo que está à sua volta, no entanto a autora faz uma ressalva: “Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado” (...) (KÜBLER-ROSS, 1981).

É interessante frisar novamente, neste ponto, que esses estágios expostos aqui *variam de indivíduo para indivíduo* e dependem também, como falei no início, de sua interação com o próprio ambiente em que ele vive. Desse modo, ao aplicarmos o conceito de Kübler-Ross para entendermos as atitudes da população americana frente aos atentados de 11 de setembro de 2001 e suas consequências na política norte-americana, estamos usando o critério da autora como base geral para avaliarmos o comportamento dos indivíduos, além de analisarmos como eles interagiram com seus governantes (em especial com seu presidente) durante os meses seguintes aos atentados.

### 3 ANÁLISE DO CENÁRIO POLÍTICO

#### 3.1 Os Atentados

Na manhã do dia 11 de setembro de 2001, o mundo viu, atônito, três aviões chocarem contra edifícios importantes dos Estados Unidos, na cidade Nova York — contra as duas principais torres do complexo do World Trade Center —, e em Washington D.C, no Pentágono, prédio sede da defesa norte-americana, além de uma quarta aeronave que caiu, tomada dos sequestradores terroristas pelos próprios passageiros e derrubada em um campo no estado da Pensilvânia. Soube-se depois, com o início das investigações, que o atentado havia sido orquestrado por Osama Bin-

Laden e executado por membros da Al-Qaeda, organização terrorista com origem no Afeganistão (SHENON, 2008).

Como o objetivo deste trabalho é observar e entender o comportamento da população americana e seu comandante em chefe (nesse caso, George W. Bush), não me prenderei ao dia do desastre, e à narrativa de seus acontecimentos. A partir de agora o objetivo será aplicar o modelo das fases do luto de Kübler-Ross nos movimentos tanto da opinião pública americana, quanto de George Bush.

Partindo desse princípio, acredito que o marco zero do acontecimento, e que deu o *start* para o início do estágio de negação do evento, tenha sido o choque do segundo avião na torre sul do World Trade Center, o que aconteceu às 09:03h, 17 minutos após o primeiro impacto na torre norte. Digo isto porque até então se especulava que o choque do primeiro avião contra a torre norte havia sido apenas um trágico acidente. Após o segundo o impacto, a sensação de medo e caos começou a se espalhar por Nova York. Assistindo aos vídeos e reportagens realizadas à época, é possível ver claramente os primeiros sinais do que chamo de “negação coletiva”, partindo do processo de Kübler-Ross: Pessoas em estado de choque, histeria, choro, pânico, etc. Essa gama de sentimentos experimentada em massa é decorrente da falta de informação, da incerteza e logicamente do fato de que todos estavam vulneráveis frente à mesma situação. A medida que as notícias foram sendo atualizadas e o ataque a Washington e a queda do voo 93 da *United Airlines* nos campos da Pensilvânia também vieram à tona, esse sentimento todo, que estava locado no sul de *Manhattan*, agora espalhou-se por todo os Estados Unidos (HISTORY CHANNEL BRASIL, 2017).

Trazendo todo esse cenário catastrófico para o plano teórico do esquema de Kübler-Ross, e assistindo a reportagens, vídeos profissionais e amadores da época, tendo a acreditar que o processo de negação e perplexidade relacionado aos atentados, perduraram até pronunciamento de George W. Bush, no fim do dia, após os acontecimentos iniciais (HISTORY CHANNEL BRASIL, 2017). Digo isto porque, como pode ser visto nos noticiários da época, as manchetes eram desconstruídas e inespecíficas, e tudo era apenas suposições, situação que alimentava ainda mais o processo de negação. Afinal, eram realmente ataques terroristas? Poderia ser uma infeliz coincidência?

A partir do momento que a Al-Qaeda assume a responsabilidade pelos atentados, temos o desenho de um novo formato neste cenário. Todo o sentimento de negação e incerteza é inflado e *substituído ou transformado* em raiva e ódio, devido ao fato de que agora os ataques têm um rosto, uma forma; neste caso o rosto de Osama Bin-Laden e o corpo da comunidade islâmica. Isso pode ser percebido através das inúmeras ligações hostis de americanos, dirigidas a mesquitas, principalmente em Nova York (HISTORY CHANNEL BRASIL, 2017). Todo esse desenho de orgulho ferido, ressentimento e vingança foi direcionado para a comunidade islâmica dentro e fora dos Estados Unidos, e é neste momento que a figura de George Bush se torna chave nessa história; ali começa de fato a análise política sobre os atentados de 11 de setembro.

### 3.2 George Bush e as eleições americanas de 2000

Antes de entendermos o papel de George Bush no 11 de setembro de 2001, é importante buscarmos os meses anteriores aos atentados.

Nas eleições americanas para a presidência, de 2000, houve uma grande controvérsia a respeito da contagem dos votos, principalmente no estado da Flórida, devido a notícias espalhadas de que alguns votos eram confusos (BBC BRASIL, 2000). Segundo a revista eJournal USA, publicação do governo norte-americano, a eleição presidencial de 2000 foi dirimida através de uma decisão da Suprema Corte Americana.

Esse processo foi altamente estressante para toda a população americana, de modo que até mesmo os funcionários da Casa Branca ficaram sem saber qual presidente receberiam a partir de 20 de janeiro de 2001 (BROWER., 2016).

Como consequência disso, Bush iniciou seu mandato com uma taxa de aprovação baixíssima devido à forma como acabou sendo eleito. Nos meses seguintes, anteriores ao 11 de setembro, sua popularidade não se alterou muito, e seu governo continuava sob fortes críticas. Acredito que, além de sua polêmica eleição, Bush carecia de carisma já que, assim como o pai, se apresentava como um político bélico e pragmático (MOORE, 2004).

### 3.3 Os ataques e as medidas de ação de Bush

Na manhã de 11 de setembro de 2001, quando os aviões já haviam chocado com as torres do *World Trade Center*, George W. Bush estava em uma escola, curiosamente na Flórida, na cidade de Sarasota. Após um agente do serviço secreto se aproximar e avisá-lo de que o país estava sob ataque, Bush ainda se manteve impassível por vários minutos, acompanhando a atividade das crianças da escola. Essa atitude foi duramente criticada, inclusive em vários documentários posteriores ao 11 de setembro, como em *Fahrenheit 9/11*, de Michael Moore, onde Bush é retratado como indeciso e fraco em um momento extremamente crucial. No entanto, acredito que as atitudes iniciais de Bush, ao ser comunicado dos ataques, representam também o início do estágio de negação proposto por Kübler-Ross. As expressões faciais, a posição corporal e até mesmo a demora para tomar uma atitude demonstram que mesmo o governante mais poderoso do planeta enfrenta momentos de hesitação (MOORE, 2004).

É importante perceber que todo esse período foi um grande caos, mas que principalmente pode ser resumido em duas perguntas, que puderam ser feitas através do ponto de vista de qualquer americano naquela manhã: “O que está acontecendo?” e “Por que conosco?” (KÜBLER-ROSS, 1981). Esses dois questionamentos ainda sem resposta naquele momento, somados às imagens da época, de pessoas completamente perplexas e andando sem rumo nas ruas de Nova York e Washington, repito, descrevem bem o primeiro estágio das fases do luto de Kübler-Ross. Cada americano ou estrangeiro que estivesse nos EUA naquela manhã sentiu uma mistura enorme de sentimentos como medo, confusão, pânico e tristeza. Em resumo, as primeiras horas após os ataques foram de um intenso caos coletivo.

Ciente disso, o primeiro contato de Bush com o povo americano após os ataques foi na noite do 11 de setembro, em um comunicado direto do Salão Oval da Casa Branca, transmitido ao vivo para todo o país, e acredito que é neste momento que a sorte de Bush começa a mudar e que o próprio sentimento do povo americano com relação aos ataques (e ao seu presidente) também.

Para tanto listo alguns trechos do discurso de George Bush:



Boa noite. Hoje, nossos caros cidadãos, nosso modo de vida, nossa própria liberdade foi atacada por atos terroristas deliberados e mortais. (...) esses atos de assassinato em massa tinham a intenção de assustar nossa nação no caos e recuar. Mas eles falharam, nosso país é forte.

Um grande povo foi movido para defender uma grande nação. Ataques terroristas podem abalar as fundações dos nossos maiores edifícios, mas não podem tocar na fundação da América.

Hoje nossa nação viu o mal, o pior da natureza humana, e nós respondemos, com o melhor da América. (...).

A busca está em andamento para os responsáveis por trás destes atos malignos. Eu direcionei todos os recursos de nossa comunidade de inteligências e aplicação da lei para encontrar os responsáveis e levá-los à justiça.

(...). Hoje à noite, peço suas orações por todos aqueles que choram, pelas crianças cujos mundos foram destruídos, por todos aqueles cujo senso de segurança foi ameaçado. E eu oro para que eles sejam consolados por um poder maior do que qualquer um de nós, falado através dos séculos no Salmo 23: "Embora eu ande no vale das sombras da morte, não temerei mal algum. Para você e para mim".

Este é um dia em que todos os americanos de todos os caminhos de vida, se unem em nossa determinação por justiça e paz. A América já derrotou inimigos antes, e faremos isto desta vez. Nenhum de nós jamais esquecerá este dia. No entanto, vamos em frente para defender a liberdade e tudo que é bom no nosso mundo.

Obrigado. Boa Noite. Deus abençoe a América (BUSH, 2001, tradução nossa<sup>3</sup>).

Ao ler o pronunciamento de Bush e também ao vê-lo no vídeo do pronunciamento, acredito que este momento tenha uma importância chave para o crescimento da popularidade do presidente republicano nos meses que se seguiram. Postura e voz firme, olhar compenetrado e um discurso forte, que agora deram um rosto aos ataques que tinham acontecido mais cedo. A partir daquele momento os americanos tinham um alvo. Os terroristas. Isso, somado a um discurso que apela também para a fé e para o sentimento de justiça do povo americano, nos dá os pilares para a transição da consciência coletiva americana do estágio de negação para a raiva e também para a barganha.

Digo isto devido ao fato de que, além de o sentimento americano da busca por justiça está canalizado agora na imagem de qualquer muçulmano, toda essa força massiva de busca por respostas e também da sua exigência, está centrada na figura de George Bush. É importante ressaltar, porém, algo que considero importante. Em eventos dessa magnitude, onde há uma intensa comoção popular, e se clama por

<sup>3</sup> Texto original em: Selected Speeches of George W. Bush.

[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)



justiça, na verdade o sentimento real chama-se vingança. Isso é mais do que verdadeiro, principalmente se levarmos em consideração que nos primeiros dias após os ataques de 11 de setembro, várias mesquitas e comunidades muçulmanas foram hostilizadas por americanos, por atos de violência ou ligações ameaçadoras.

Desse modo, fazendo a análise de todo esse cenário, nós temos, por um lado, uma população com seu orgulho patriótico ferido, e agora com um alvo em potencial: Osama Bin Laden, Al Qaeda, e a comunidade islâmica; pelo outro, um comandante em chefe que compra esta ideia e a infla ainda mais (HISTORY CHANNEL BRASIL, 2017). Esse desenho nos traz as duas seguintes fases dos estágios de luto de Kübler-Ross, como disse anteriormente; isso se justifica na raiva que a população americana agora sente dos possíveis responsáveis pelos atentados, e também na confiança depositada em George Bush como moeda de troca. Isso acaba se confirmando se fizermos uma análise das atitudes subsequentes de Bush, e compararmos com seus gráficos de popularidade.

Por exemplo, seu discurso em 14 de setembro na Catedral Nacional, em Washington:

Estamos aqui em meio a nossa dor. Tantos sofreram uma perda tão grande e hoje expressamos a tristeza de nossa nação. Nós nos apresentamos diante de Deus para orar pelos desaparecidos e mortos, e por aqueles que os amam. (...)

(...) Para as crianças e os pais, como cônjuges e familiares e amigos dos perdidos, oferecemos a mais profunda simpatia da nação. E garanto-lhe, você não está sozinho.

(...) Apenas três dias após esses eventos, os americanos ainda não percorreram a distância da história, mas nossa responsabilidade pela história já é clara: responder a esses ataques e livrar o mundo do mal.

(...) A América é uma nação cheia de boa sorte, com tanto a oferecer. (...). Mas nós não somos poupados do sofrimento. Em cada geração, o mundo produziu inimigos da liberdade humana. Eles atacaram a América, porque somos a casa da liberdade e o defensor. E o compromisso de nossos pais é agora o chamado do nosso tempo. Como nos foi assegurado, nem a morte nem a vida, nem anjos, nem principados nem poderes, nem as coisas presentes nem as coisas por vir, nem altura nem profundidade, podem separar-nos de Deus. Que Ele abençoe as almas dos depositos. Que ele possa nos consolar. E que Ele sempre guie nosso país, Deus abençoe a América (BUSH, 2001, tradução nossa<sup>4</sup>).

---

<sup>4</sup> Texto original em: Selected Speechs Of George W. Bush.  
[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)

É de imprescindível importância analisar esse discurso, e relacioná-lo com o momento em que os americanos se encontravam. Bush em seu discurso apelou para seu sentimento patriótico, para sua religiosidade, e obviamente também, atizou ainda mais o sentimento americano de vingança/justiça que emanava fortemente do povo americano. Acredito que este segundo discurso de Bush, realizado no chamado “Dia Nacional da Oração e Serviço de Lembrança”, seja o início da curva ascendente nos índices de popularidade de Bush, como veremos a seguir em gráfico com as pesquisas de opinião realizadas na época.

Um pouco mais à frente, mais precisamente em 14 de setembro, Bush, em meio ao marco zero do WTC em Nova York, abraçado aos paramédicos que trabalhavam no local, com megafone em mão, lança mais um discurso poderoso, uma frase curta, mas com efeito muito forte:

Multidão: E.U.A! E.U.A!

Bush: Eu posso ouvir vocês. Eu posso ouvir vocês. O resto do mundo ouve vocês. E as pessoas que derrubaram estes prédios nos ouvirão em breve. (BUSH, 2001, tradução nossa<sup>5</sup>).

O discurso e as atitudes de Bush estavam completamente alinhados com o que queriam os americanos. E logicamente Bush sabia que não poderia deixar este sentimento esfriar. Os americanos estavam unidos, fragilizados, e Bush captou muito bem o que vinha das ruas. Desse modo, uma ação de repressão contra as forças terroristas responsáveis pelos atentados parecia cada vez mais palpável. George Bush foi deixando isso cada vez mais claro e, enquanto ele deixava transparecer suas intenções, o povo americano fornecia apoio, manifestado em forma de popularidade. Uma resposta clara: Nós lhe damos apoio e suporte, e você lança os mísseis. Parece algo vago visto desse modo, mas que fica bem claro quando analisamos mais dois discursos chave de Bush, que acabaram por alavancar a sua popularidade ao mais alto patamar.

O primeiro realizado em 20 de setembro no Congresso Americano, no que seria o “Estado da União” daquele ano, e que obviamente foi pautado apenas nos atentados de 11 de setembro:

---

<sup>5</sup> Texto original em: Selected Speechs Of George W. Bush.

[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)

No curso normal dos acontecimentos, os Presidentes chegam a esta câmara para informar sobre o Estado da União.

(...) Hoje à noite, nenhum relatório desse tipo é necessário. Já foi entregue pelo povo americano. (...)

(...) Vimos o estado da nossa União na resistência dos socorristas, trabalhando após a exaustão. Vimos o desenrolar de bandeira, o acender de velas, a doação de sangue, o dizer de orações - em inglês, hebraico e árabe.

(...) Agradeço ao Congresso por sua liderança em um momento tão importante. Toda a América foi tocada na noite da tragédia para ver republicanos e democratas unidos nos degraus de sua capital, cantando, God Bless America. (...)

(...) Em 11 de setembro, os inimigos da liberdade cometem um ato de guerra contra o nosso país. Os americanos já conheceram guerras - mas, nos últimos 136 anos, foram guerras em solo estrangeiro, exceto em um domingo de 1941. (...).

(...) Os americanos têm muitas perguntas hoje à noite. Os americanos estão perguntando: Quem atacou nosso país? A evidência que nós distribuimos aponta para uma coleção de organizações terroristas com perdas associadas, conhecidas como Qaeda. (...)

(...) A liderança da Al Qaeda tem grande influência no Afeganistão e apoia o regime talibã no controle da maior parte do país. (...)

(...) O curso desse conflito não é conhecido, mas seu resultado é certo. Liberdade e medo, justiça e crueldade sempre estiveram em guerra e sabemos que Deus não é neutro entre eles. (...)

(...) Conhecidos cidadãos, nós nos encontraremos com a violência da justiça do paciente - assegurados da retidão de nossa causa, e confiantes nas vitórias que virão. Em tudo o que está diante de nós, muito Deus nos concede sabedoria, e pode Ele vigiar os Estados Unidos de América (BUSH, 2001, tradução nossa<sup>6</sup>).

É importante tentar enxergar um pouco além da figura de Bush no discurso. Se prestarmos bem atenção, Bush mais uma vez joga (e muito bem) com tudo o que tem. É preciso também, eu abrir um parêntese e dizer que não falo isso em forma de crítica. Digo isto porque o Presidente dos Estados Unidos soube, através do sentimento de luto do povo americano, tocar o sentimento de republicanos e democratas, pedindo uma união que a partir de agora tem rosto, nome e país. Neste caso a Al Qaeda e o Afeganistão (SHANON, 2008). Analisando desta forma, fica claro que Bush “compra” o apoio tanto do congresso americano, quanto do próprio povo, afinal, o que todos os americanos buscavam no momento era a revanche.

No gráfico que apresentarei a seguir fica evidente: Quanto mais o discurso de Bush se dirige ao Oriente Médio em tom ameaçador contra os responsáveis pelos atentados, mais a sua popularidade cresce. E como consta no gráfico, ela atinge seu

---

<sup>6</sup> Texto original em: Selected Speechs Of George W. Bush.  
[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)

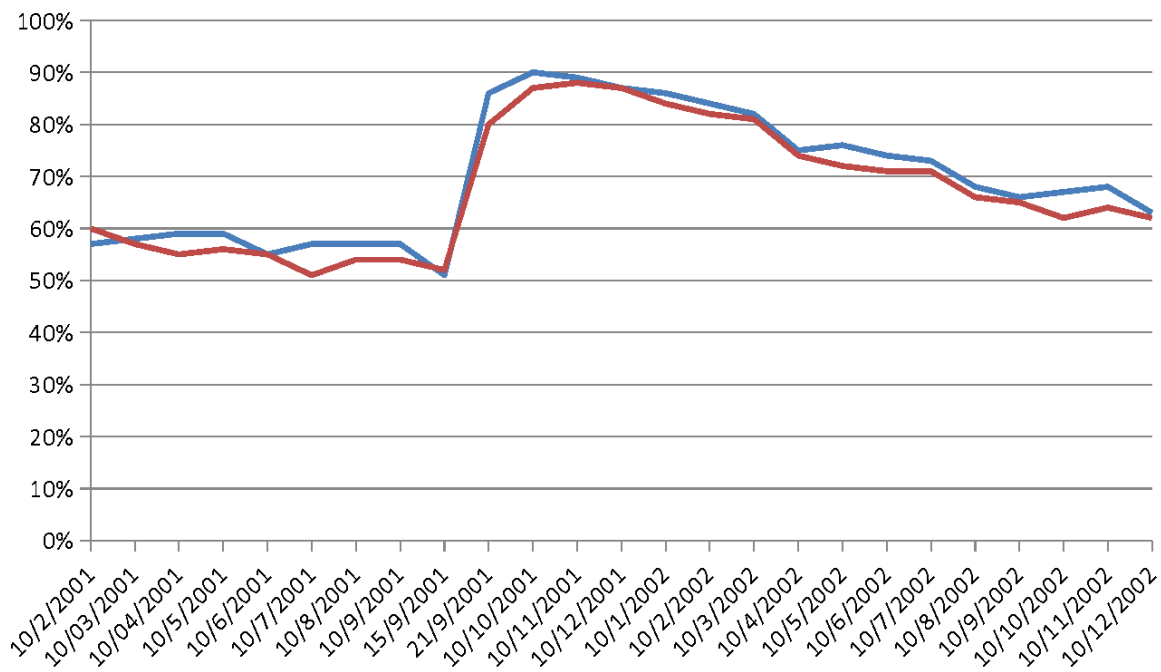
pico logo após o dia 7 de outubro de 2001, quando a tão aguardada operação contra o terror no Afeganistão é apresentada oficialmente:

Boa tarde. Sob minhas ordens, os militares dos Estados Unidos iniciaram ataques contra campos de treinamento terrorista da Al Qaeda e instalações militares do regime talibã no Afeganistão. (...) (...) Há mais de duas semanas, dei aos líderes do Taleban uma série de exigências claras e específicas: fechar campos de treinamento de terroristas; entregar os líderes da rede Al Qaeda; e devolver todos os cidadãos estrangeiros, incluindo cidadãos americanos, injustamente detidos em seu país (...)  
(...) A batalha agora está unida em muitas frentes. Nós não vamos vacilar; não nos cansaremos; não vamos vacilar; e nós não falharemos. Paz e liberdade prevalecerão.  
Obrigado. Que Deus continue abençoando a América (BUSH, 2001, tradução nossa<sup>7</sup>).

A partir de agora já temos todas as variáveis da equação formada. A população, os discursos, as atitudes, e as pesquisas de popularidade. Para tanto, usei os dados fornecidos por dois institutos americanos que são referências na área em questão, a *Agência Gallup* e a *Real Clear Politics*. Desse modo, captei a popularidade de Bush mês a mês, desde os seus primeiros trinta dias na Casa Branca, até dezembro de 2002, portanto, um ano e três meses depois do ataque, o que já nos dá uma visão bem esclarecedora de como foi a relação dos americanos com seu presidente durante este período, e também nos fornece uma sólida base para aplicarmos os conceitos de Elisabeth Kübler-Ross aos dados.

---

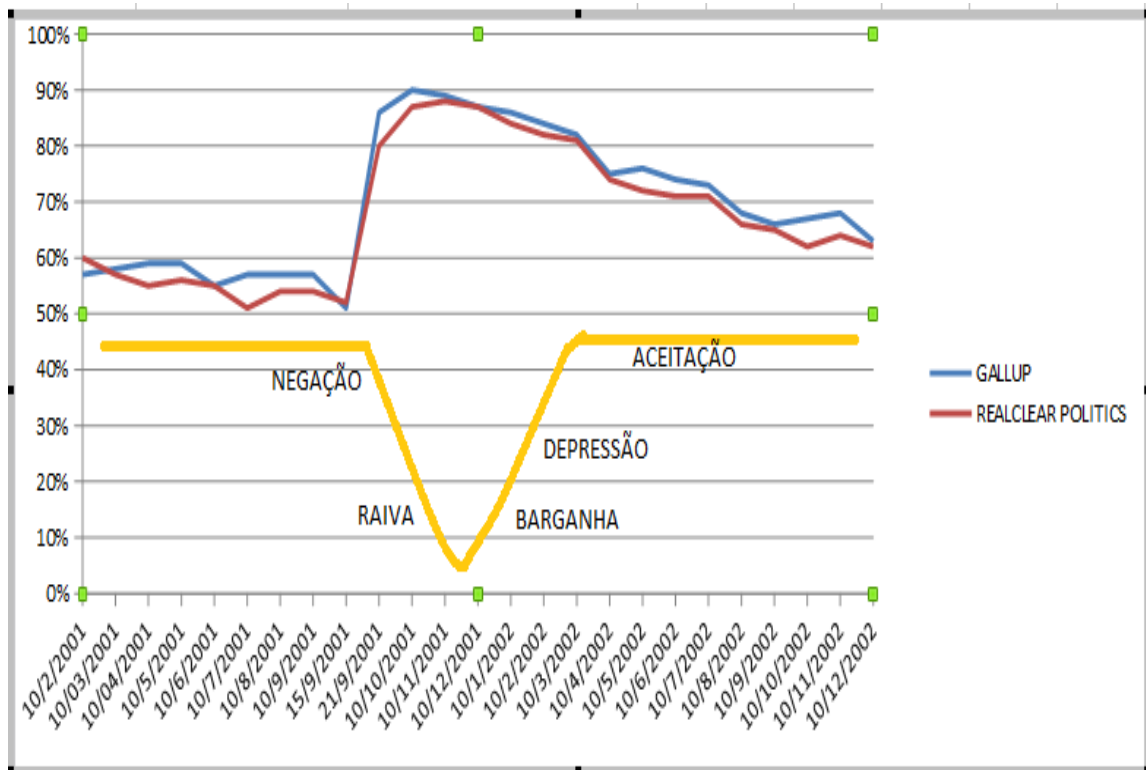
<sup>7</sup>Texto original em: Selected Speechs Of George W. Bush.  
[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)



Fontes: GALLUP (2018) em azul, e REALCLEAR POLITICS (2018) em vermelho.

#### 4 DEMONSTRANDO A EVOLUÇÃO DA POPULARIDADE DE GEORGE W. BUSH GRAFICAMENTE

Apresentados os gráficos com os dados sobre a popularidade de George Bush durante os meses anteriores e posteriores ao 11 de setembro e levando em consideração que no processo de estágios ou fases de luto de Kübler-Ross o indivíduo passa, no geral, por um profundo processo depressivo até a aceitação do fato, é possível ainda construir um segundo gráfico, onde a popularidade e os estágios estão sobrepostos, dando uma dimensão ainda maior do evento.



Fontes: GALLUP (2018), REALCLEAR POLITICS (2018), KÜBLER-ROSS (1981).

Agora, com os gráficos ilustrando como se deu a oscilação da popularidade de Bush e a interação desta com os estágios de luto propostos por Kübler-Ross, fica evidente e também mais fácil perceber a importância desse episódio para a história mundial, e para os estudos da Ciência Política em geral. É possível perceber o aumento da popularidade de Bush em uma curva vertiginosa, onde ele atinge seu pico rapidamente e vem baixando pouco a pouco ao longo de um ano, até voltar praticamente aos mesmos patamares de antes do evento. E isso também tem uma causa.

O próprio desejo do povo americano, prontamente atendido por Bush, acabou também por ser o responsável pelo declínio gradual de sua popularidade. Digo isto porque, a partir do momento em que o povo americano começa a perceber que sua incursão no Afeganistão e posteriormente no Iraque não está rendendo frutos (em especial pela falha em encontrar Osama Bin-Laden), sua rejeição ao conflito (e também ao seu presidente) começa a aumentar. Isso é extremamente relevante levando-se em consideração que os Estados Unidos já haviam entrado em guerras desastrosas no sentido militar e econômico, como a Guerra do Vietnã na década de

sessenta, e a do Kuwait, na década de noventa e sob a presidência de Bush pai (o que, com certeza, os americanos também levaram em consideração). É neste segundo momento que percebemos também os últimos dois estágios de Kübler-Ross em todo este cenário. Depois de quase um ano dos ataques, pode-se notar através dos gráficos, uma depressão na popularidade de Bush e das próprias ações tomadas por ele após as agressões; ademais, pode ser percebida uma estabilização na curva, que mostra um processo de aceitação por parte da opinião pública americana.

## 5 CONCLUSÃO

Depois de analisar passo a passo os ataques de 11 de setembro, desde o dia fatídico, revisando as ações de Bush e as reações do povo americano, acredito ser possível listar alguns pontos importantes, e que podem ser expostos como conclusivos:

- a) É possível aplicar o esquema de estágios de luto de Elisabeth Kübler-Ross, em uma gama maior de indivíduos que tenham enfrentado um forte stress traumático, usando como base documentos históricos, pesquisas e material audiovisual;
- b) George Bush soube captar a energia e envolvimento do povo americano sobre os ataques de 11 de setembro para seu benefício próprio, aumentando de forma importante a sua popularidade que desde sua conturbada eleição era baixa;
- c) As fases que correspondem à raiva e barganha *são proporcionalmente opostas à curva de popularidade*, se levarmos em conta os gráficos apresentados durante o trabalho, o que leva à conclusão que, quanto mais agressiva foi a resposta de Bush aos ataques durante este período, mais alta foi a sua popularidade;
- d) A popularidade de Bush *foi diminuindo gradativamente* quase até o seu patamar inicial, pouco mais de um ano após os ataques; e esse processo iniciou a partir do momento em que a população americana começa a decepcionar-se dos resultados das ações do governo;
- e) É importante salientar também que, esses mesmos fatores apresentados neste trabalho, fomentaram várias teorias conspiratórias ao redor dos atentados, algumas delas levantando a hipótese de que os ataques haviam partido de dentro do próprio governo;



- f) Uma vez analisados todos os dados, é conclusivo também o fato de que uma intensa comoção popular pode mudar o rumo de todo o planejamento na área de política externa de um governo;
- g) A título de curiosidade: As agências de pesquisa americanas continuam a medir a popularidade de ex-presidentes, mesmo após encerrada sua gestão. Desse modo, em uma pesquisa realizada em 2010, pela Gallup, aparecem em ordem de classificação: 1. John F. Kennedy, 2. Ronald Reagan, 3. Bill Clinton, 4. George Bush (pai), 5. Gerald Ford, 6. Jimmy Carter, 7. Lyndon B. Johnson, 8. George Bush, 9. Richard Nixon.

Ao analisar essa pesquisa, é importante observar que esta classificação de Bush reflete um período doloroso da história para os americanos, e que para eles (e para todos nós) seria infinitamente melhor se jamais houvesse existido.

## 6 REFERÊNCIAS

AMERICAN RHETORIC. **George W. Bush – 9/11 Bullhorn Speech**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x7OCgMPX2mE>. Acesso em: 17 set. 2018.

BBC BRASIL. **Eleições Americanas de 2000**. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2000/001204\\_usa1.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2000/001204_usa1.shtml). Acesso em: 19 set. 2018.

BROWER, K. A. **Por dentro da Casa Branca**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

BUSH, George Walker. **News – Afghan War – President Bush announces start of war – 7 oct 2001 – CNN**. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=E0pU-xg\\_ulQ](https://www.youtube.com/watch?v=E0pU-xg_ulQ). Acesso em: 17 set. 2018.

BUSH, President George W. **Selected Speeches of President George W. Bush. 2011**. Disponível: [https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf). Acesso em: 17 set. 2018.

CNN. **"America Under Attack": as it happened - 9/11/01 - from CNN - part 1 of 6!** 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEu3H6VRMB0>. Acesso em: 08 dez. 2018.

EJOURNAL USA. **O colégio eleitoral**. Disponível em: <https://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/0908ejpo.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

GALLUP: ANALYTICS AND ADVICE. **Presidential Job Approval Center**. Disponível em: <https://news.gallup.com/interactives/185273/presidential-job-approval-center.aspx>. Acesso em: 17 set. 2018.

HISTORY CHANNEL BRASIL. **11 de setembro de 2001: o dia em que caíram as torres gêmeas**. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=077nV\\_KppAc](https://www.youtube.com/watch?v=077nV_KppAc). Acesso em: 08 dez. 2018.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MOORE. **Michael. Fahrenheit 911**. 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWTAGUB7xoY>. Acesso em: 17 set. 2018.

OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos. Características biopsicossociais e formas de atendimento de crianças de 0 a 12 meses de idade percebidas pelas mães que frequentam um serviço materno infantil, no município do rio de janeiro. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 39-49. DOI: <https://doi.org/10.1590/0080-6234198902300200039>.

PIAGET. Jean. **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1973.

REALCLEAR POLITICS: **President Bush Job Approval**. Disponível em: [https://www.realclearpolitics.com/epolls/other/president\\_bush\\_job\\_approval-904.html](https://www.realclearpolitics.com/epolls/other/president_bush_job_approval-904.html). Acesso em: 17 set. 2018.

SHENON. P. **Comissão: a história sem censura da investigação sobre o 11 de setembro**. São Paulo. Larousse do Brasil, 2008.

YOUTUBE. **2001 President George Bush W. Bush 9/11 Speech to Congress**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7MY5iSwqEa4>. Acesso em: 17 set. 2018.

YOUTUBE. **George W. Bush the night of 9-11**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XbqCquDI4k4> Acesso em: 17 set. 2018.